



ESTUDO DA MICROBIOTA INTESTINAL AERÓBICA E VIRAL DE MACACOS-PREGO (*Cebus apella*), MACHOS, DE VIDA LIVRE, PROVENIENTES DO PARQUE ECOLÓGICO DO TIETÊ, SÃO PAULO, SP

Ercília Maria Borgheresi Calil¹; Márcia Bento Moreira^{2,4}; Simone Miyashiro³; Liliane Milanello⁴; Márcia Catroxo⁵; Nadine Barbosa⁶; Lilian Holanda dos Santos^{4,7}.

¹Titular da disciplina de Doenças Infecciosas e Zoonoses da UNIBAN; ²Titular da disciplina de Técnica Cirúrgica e Anestesiologia da UNIBAN e UNICSUL; ³Seção de Bacteriologia Geral do Instituto Biológico; ⁴Centro de Reabilitação de Animais Silvestres do Parque Ecológico do Tietê CRAS-DAEE; ⁵Seção de Microscopia Eletrônica do Instituto Biológico; ⁶Laboratório Clínico da UNIBAN; ⁷Aluna do curso de Medicina Veterinária e membro do grupo de iniciação científica da UNIBAN. mbm34@uol.com.br.

Pelo crescente interesse na área ambiental e na preservação das diferentes espécies, a demanda por diagnósticos e tratamentos de animais não domésticos tem sido cada vez mais, solicitada aos médicos veterinários que atuam nesta especialidade. O objetivo deste estudo foi isolar os principais agentes bacterianos aeróbicos e virais presentes na microbiota intestinal de 10 macacos-prego (*Cebus apella*), todos machos, clinicamente saudáveis, identificados individualmente com fichas numeradas de um a dez, provenientes do Parque Ecológico do Tietê, SP, em abril de 2005. A colheita das amostras foi realizada por meio de "swabs" esterilizados, introduzidos diretamente no reto destes animais. Para o isolamento das bactérias, os materiais foram conservados em meio de Brain Heart Infusion (BHI), semeados em meio de ágar sangue desfibrinado de carneiro e ágar Mc Conkey, incubados em estufa bacteriológica a 37°C durante 24 horas. Após este período, realizou-se a coloração de Gram, das diferentes colônias de bactérias que se desenvolveram nos meios de cultura utilizados e as mesmas foram identificadas pela realização de série bioquímica específica: fermentação da glicose, sacarose, produção de gás e gás sulfídrico, utilização do citrato, motilidade, produção de indol, lisina e prova da fenil alanina. Como resultado obtido, isolou-se *Proteus vulgaris* em 70% das amostras de fezes; *Escherichia coli* em 60%; *Klebsiella pneumoniae* e *Pantoea agglomerans* em 50% e *Staphylococcus* sp. em 10%. Para a investigação da presença de vírus, as fezes foram coletadas diretamente do reto destes animais e encaminhadas imediatamente para o laboratório de microscopia eletrônica do Instituto Biológico de São Paulo. Os materiais foram processados pela técnica da contração negativa, segundo metodologia descrita por BREWER & HORNE (1959), ALMEIDA (1980), HAYAT & MILLER (1990) e MADELBY (1997). Nesta técnica, as amostras clínicas foram suspensas em tampão fosfato 0,1M e pH 7,0 e colocadas em contato com grades metálicas, previamente cobertas com filme de colódio e carbono. A seguir as telas foram drenadas com papel de filtro e contrastadas negativamente com molibdato e amônio a 2%, pH 5,0. Após exame ao microscópio eletrônico de transmissão Philips EM 208, foi observado um grande número de partículas com morfologia semelhante a Coronavírus, envelopadas, pleomórficas, contendo projeções radiais típicas, em forma de coroa solar, medindo em média 140nm de diâmetro. Em relação às bactérias isoladas, classificadas como enterobactérias, provavelmente devem ser constituintes da microbiota normal desses animais, uma vez que todos os macacos-prego não apresentavam nenhum tipo de alteração clínica, principalmente diarreia. Sugere-se que



estudos com maior número de animais sejam realizados para comparação com tais achados.